

# Coordenação Frásica vs. Subordinação Adverbial

Gabriela Matos

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

O presente trabalho tem por objectivos refinar os critérios de discriminação entre coordenação frásica e subordinação adverbial, e discutir as propriedades distintivas das frases adverbiais e coordenadas. Centrando a análise nas orações explicativas, mostrar-se-á que há critérios sintácticos para as excluir das estruturas de coordenação. Este resultado indicia que as frases coordenadas divergem estruturalmente das adverbiais. Porém, propostas actuais têm aproximado as configurações de adjunção e de coordenação. Procurar-se-á demonstrar que a natureza categorialmente subespecificada das conjunções coordenativas é o factor distintivo fundamental destas estruturas.

## 1. Coordenação vs. subordinação: os explicativos

### 1.1. A classificação problemática dos explicativos

Os *explicativos* ou *causais* *pois*, *que*, *porque* e *porquanto*, têm sido classificados como *conjunções de subordinação*<sup>1</sup>, ou simultaneamente como conjunções coordenativas e subordinativas causais<sup>2</sup>. Alguns autores associam esta divergência categorial a propriedades semânticas. É o caso de Said Ali 1931 ou de Grevisse-Gosse 1993, como mostram as seguintes passagens:

"Dá-se ainda o mesmo o mesmo fenómeno [parataxe=coordenação] se a segunda oração é causal e se usa (...) a partícula *porque*, tendo esta o sentido do francês *car*, inglês *for*, alemão *denn*: quer isto dizer, a proposição causal constituirá um pensamento à parte, podendo haver uma pausa forte entre ela e a proposição inicial. Se porém existir união mais íntima e *porque* corresponde ao francês *parce que*, inglês *because*, alemão *weil*, a oração causal figura como subordinada." (Said Ali 1931: 273)

"*Car* appartient surtout à la langue orale de type soigné où à la langue écrite. La phrase ou plutôt la sous-phrase qu'il introduit exprime, non pas la cause réelle du fait énoncé auparavant (comme le ferait *parce que*) mais la justification de ce qui vient d'être énoncé. (Grevisse-Gosse 1993: 1553, §1038)

Todavia, Grevisse-Gosse (1993) referem que as fronteiras entre *car* e *parce que* são pouco nítidas, o que está patente na possibilidade de coordenar orações de *car* com subordinadas (cf. (1)) e na mobilidade das orações de *car* (cf. (2)):

<sup>1</sup> Vejam-se Bechara 1999, Silva Dias 1917, Matos 2003.

<sup>2</sup> Por exemplo, em Cunha e Cintra 1984, Said Ali 1931, Lobo 2001, 2003.

- (1) [...] que je serais heureuse de revoir *car* elle m'a beaucoup plu et *que* c'est pour moi une vraie fête de pouvoir parler de choses sérieuses ...  
(Beaumont, *apud* Grevisse- Goosse, 1993:376, §261, 2º)
- (2) *Car j'ignore où tu fuis*, tu ne sais où je vais.  
(Baudel *apud* Grevisse- Goosse, 1993:376, §261, 2º)

### 1.2. Insuficiência do critério semântico

Para o Português, têm-se afirmado que enquanto as subordinadas causais expressam uma causa baseada na realidade objectiva (cf. (3))<sup>1</sup>, as explicativas explicitam o motivo da enunciação do falante (cf. (4) e (5)):

- (3) a. A água gelou (,) *porque* a temperatura desceu aos zero graus centígrados.  
b. A criança é prematura *porque* nasceu com 7 meses de gestação.
- (4) a. As inundações foram devastadoras, *pois* choveu torrencialmente.  
b. Deves estar cansada, *que* tens trabalhado muito!  
c. Esta criança deve ser prematura, *porque/pois* pesa 1.100 Kg.  
d. O desemprego não pára de aumentar, *porquanto* as medidas tomadas foram insuficientes.
- (5) a. Eles entraram na sala, *que* eu ouvi-os falar.  
b. Comeste pudim, *pois* tens a cara lambuzada.

Mas esta justificação é posta em causa por frases como (6), em que as conjunções explicativas ocorrem em frases que indicam a razão real de uma situação.

- (6) a. A água gelou, *pois/porquanto/que* a temperatura desceu aos zero graus centígrados.  
b. A criança é prematura *pois/porquanto* nasceu com 7 meses de gestação.

Assim, a distinção entre os diferentes tipos de orações causais deverá basear-se, não em critérios semânticos, mas em critérios formais.

### 1.3. Os critérios formais propostos

Quirk et al. (1972:559, 1985:927) propõem as seguintes propriedades sintácticas distintivas das estruturas coordenadas face às subordinadas: (i) ausência de mobilidade dos termos coordenados; (ii) possibilidade de as conjunções coordenativas articularem constituintes não frásicos; (iii) possibilidade de as conjunções coordenativas coordenarem frases subordinadas; (iv) impossibilidade de duas conjunções coordenativas concorrer para a posição de núcleo da estrutura coordenada. Estas propriedades são ilustradas, respectivamente, de (7) a (10) para estruturas exibindo as conjunções *e*, *ou* e *mas*:

<sup>1</sup> Vejam-se, por exemplo, Galán Rodríguez 1999 e Brito 2003.

- (7) Eles leram o livro *e viram o filme* vs. \**E viram o filme*, eles leram o livro  
 8) Eles leram *ou* um conto *ou* um romance.  
 (9) Acho *que* eles leram o livro *mas que* não viram o filme.  
 (10) \*Eles leram o livro *e mas* não viram o filme.

Face a estes critérios, a frase subordinada causal em (5b) e as explicativas em (6)-(7) comportam-se de forma parcialmente diferente, como ilustrado de (11) a (16):

*A - Mobilidade dos termos coordenados*

Apenas *pois* e *que* não admitem que as frases por eles iniciadas sejam antepostas; os restantes explicativos comportam-se como o causal em (11) (cf. (12)):

- (11) *Porque* nasceu com 7 meses de gestação, a criança é prematura.  
 (12) a. \**Pois* choveu torrencialmente, as inundações foram devastadoras.  
 b. *Porquanto* as medidas tomadas foram insuficientes, o desemprego não pára de aumentar.  
 c. \**Que* tens trabalhado muito, deves estar cansada!  
 d. *Porque* pesa 1.100 Kg, esta criança deve ser prematura.

*B - Articulação de constituintes não-frásicos*

Nenhum explicativo conecta constituintes não-frásicos (cf. (14)) Neste aspecto os explicativos comportam-se como as conjunções subordinativas causais (cf. (13)):

- (13) ??/\*A criança nasceu com 7 meses *porque* prematura.  
 (14) a. \*As inundações foram devastadoras *pois* extensas.  
 b. \*O desemprego não pára de aumentar, *porquanto* incontrolado.  
 c. \*Deves estar cansada, *que* doente!  
 d. ??/\*Esta criança deve ser prematura, *porque* de baixo peso.

*C - Possibilidade de as frases que encabeçam serem coordenadas:*

Como ilustrado em (15), as frases subordinadas podem ser coordenadas. Nas explicativas, essa coordenação só não é aceitável com *pois* (cf. (16)):

- (15) A criança é prematura *porque* nasceu com 7 meses *e porque* nasceu com baixo peso.  
 (16) a. ??As inundações foram devastadoras *pois* muitas casas estavam abaixo do nível da água *e pois* choveu torrencialmente.  
 b. O desemprego não pára de aumentar *porquanto* as medidas tomadas foram insuficientes *e porquanto* a crise internacional continua.  
 c. Não admira que estejas cansada, *que* trabalhas sempre muito *e que* só tens tido arrelias ultimamente!  
 d. A criança é prematura, *porque* a mãe mo disse *e porque* o médico mo confirmou.

Para além de testes de movimento, **Peres 1997** recorre a outros (o escopo negação frásica e a focalização em frases clivadas) para distinguir frases explicativas de coordenadas canónicas e de alguns tipos de subordinadas adverbiais. Estes testes permitem isolar o comportamento das explicativas (em (17) e (19)) do das subordinadas causais (em (18) e (20)).

*A – As explicativas não estão no escopo da negação da frase a que se conectam*

- (17) a. \*A criança não é prematura *pois nasceu com 7 meses*. (Ela é prematura porque nasceu antes dos 9 meses de gestação).  
 b. \*Não deves estar cansada, *que trabalhas muito!* (Deves estar cansada porque estás doente).
- (18) a. A criança não é prematura *porque nasceu com 7 meses*. (Ela é prematura porque nasceu antes dos 9 meses de gestação).  
 b. Não deves estar cansada *porque trabalhas muito*. (Deves estar cansada porque estás doente).

*B – As explicativas não podem ser clivadas (focalizadas)*

- (19) a. É porque nasceu com 7 meses que a criança é prematura.  
 b. É porque trabalhas muito que estás cansada.
- (20) a. \*É *pois nasceu com 7 meses* que a criança deve ser prematura.  
 b. \*É *que trabalhas muito* que deves estar cansada.

Lobo (2002: 87, 2003: 448) mostra, no entanto, que estas propriedades não permitem distinguir frases coordenadas de subordinadas, mas antes frases periféricas de não-periféricas ao domínio da frase subordinante. Assim, as subordinadas *concessivas* em (20), porque são *periféricas*, estão igualmente fora do escopo da negação e resistem à focalização em estruturas de clivagem.

- (20) a. \*O Zé não saiu mais cedo *embora tivesse muito trabalho*. (Só saiu porque tinha de ir ao médico).  
 b. \*Foi *embora tivesse muito trabalho* que o Zé saiu mais cedo.

Para além dos testes de Quirk et al. 1972, 1985, **Lobo 2002, 2003** propõe, como critério para distinguir coordenadas de subordinadas a *colocação dos pronomes clíticos*. Subjacente a este procedimento está o pressuposto de que as conjunções subordinativas desencadeiam próclise e as coordenativas não o fazem.

- (22) a. Não me chames porco porque, *que eu lavo-me* todos os dias!  
 b. Não fomos para o mar, *pois levantou-se* um temporal.  
 c. O director já chegou, *porque eu vi-o* no bar. (Lobo 2003: 50)

- (23) a. ?/\*Não me chames porco, *que* eu *me* lavo todos os dias.  
 b. \*Não fomos para o mar, *pois se* levantou um temporal.  
 c. ?/\*O director já chegou, *porque* eu *o* vi no bar. (Lobo 2003: 50)

Baseando-se nos exemplos (22) e (23), Lobo conclui que as explicativas são coordenadas.

Contudo, embora a ênclise se verifique com a copulativa *e*, ela não é extensível a todas as conjunções coordenativas, em especial *nem* e *ou...ou*<sup>4</sup>. Mais, ainda que se aceite que as conjunções coordenativas não desencadeiam próclise, este critério não é decisivo para caracterizar as frases explicativas como coordenadas, pois há explicativas em que só a próclise é possível no português europeu padrão – vejam-se os exemplos seguintes, de Brito 2003:713.

- (24) A menina não vem jantar, *que/porquanto/porque* me ofendeu!  
 (25) \*A menina não vem jantar *que/porquanto/porque* ofendeu-me!

Os dados observados até agora não constituem, pois, uma evidência inequívoca a favor da inclusão das frases explicativas nas coordenadas. Foram apresentados como testes relevantes para essa inclusão a dificuldade de as orações explicativas serem antepostas e a possibilidade serem coordenadas e de exibirem próclise. Todavia, estas propriedades são enfraquecidas pelo comportamento heterogêneo dos conectores explicativos.

Além disso, alguns critérios diagnóstico não se aplicam exclusivamente à coordenação. É o caso da impossibilidade de anteposição da frase explicativa, que ocorre igualmente em relativas apositivas de frase (cf. (26a), (26b)) e em algumas adverbiais periféricas, como as temporais narrativas (cf. (26c) e (26c)).

- (26) a. O trabalho estava muito bem elaborado, *o que* muito nos agradou.  
 b. \**O que* muito nos agradou, o trabalho estava bem elaborado.  
 c. O Zé estava a entrar para o combóio, (eis senão) quando (subitamente) se lembrou que não tinha bilhete.  
 d. \*(*Eis senão*) quando (subitamente) se lembrou que não tinha bilhete, o Zé estava a entrar para o combóio. (Lobo 2003: 435).

#### 1.4. Reavaliação da classificação das explicativas

Refinando os critérios distintivos de frases adverbiais e coordenadas, mostraremos nesta secção que os conectores explicativos diferem dos coordenativos e se aproximam das conjunções subordinativas. Basear-nos-emos nas seguintes propriedades, das quais a primeira (A) é usada em Quirk et al. 1972,1985 e as restantes (B,C e D) ocorrem em Matos 2003.

...  
<sup>4</sup> (i) Ele não te ofereceu esse livro *nem o* leu. (\*...*nem* leu-o)  
 (ii) Ou *lhe* ofereces esse livro ou *lho* lêes. (\*... ou lêes-lho)

*A. Os conectores explicativos não articulam constituintes não-frásicos*

Como as conjunções subordinativas, os conectores explicativos só ligam frases:

- (27). a. Ele referiu esse caso *pois / que / porque / porquanto* foi noticiado na televisão.  
 b. \*Ele referiu [esse caso, *pois / que / porque / porquanto* esse facto].  
 (28) Ele referiu esse caso *e* esse facto.

*B. Os conectores explicativos não associam frases subordinadas*

Esta propriedade aproxima os conectores explicativos em (29) das conjunções subordinativas, e distingue-os das conjunções coordenativas (cf. (30)).

- (29) a. #Ele disse *que* não lera o livro, *pois que* tinha visto o filme.  
 b. \*Ele disse *que* não lera o livro, *porque que* tinha visto o filme.  
 c. \*Ele considera *que* a Maria é simpática, *que que* ela é sorridente.  
 d. \*Ele disse *que* assinara o cheque *porquanto que* fora pressionado a fazê-lo.  
 (30) a. Ele dissera *que* não lera o livro *mas que* tinha visto o filme.  
 b. Ele considera *que* a Maria é simpática *mas que* ela é sisuda.  
 c. Ele disse *que* assinara o cheque *e que* fora pressionado a fazê-lo.

A aceitabilidade de (29a) provém da existência da locução *pois que*, que introduz uma frase subordinada adverbial causal<sup>5</sup>. As adverbiais distinguem-se das completivas iniciadas por *que* pelo facto de não serem seleccionadas por nenhum predicador da frase subordinante (cf. (31)).<sup>6</sup>

- (31) Eles não leram o livro, *pois que* tinham visto o filme.

*C. Os conectores explicativos são sensíveis à natureza finita das frases*

Esta propriedade, ilustrada em (32), é particularmente reveladora: as conjunções subordinativas são sensíveis à natureza finita vs. não-finita das frases que encabeçam (vejam-se Pesetsky e Torrego 2001, Chomsky 2001a). Porém, como (33) mostra, as conjunções coordenativas são insensíveis a traços de (não-)finitude.

- (32) a. Ele disse que assinara o cheque, *pois/que/porque/porquanto* fora pressionado a fazê-lo.  
 b. Ele disse ter assinado o cheque, *pois / que / porque / porquanto* fora pressionado a fazê-lo.  
 (33) a. Ele disse que assinara o cheque *e/mas que* fora pressionado a fazê-lo.  
 b. Ele disse ter assinado o cheque *e/mas ter* sido pressionado a fazê-lo.

<sup>5</sup> A correlação de *pois* com *pois que* ocorre em Silva Dias (1917) e Lobo (2003).

<sup>6</sup> Recorde-se que as completivas em (30) são seleccionadas pelo verbo *dizer* e *considerar*.

*D. Os conectores explicativos não admitem frases com Elipse Lacunar*

A Elipse Lacunar ocorre apenas em frases coordenadas. Exemplos como (34), (35) e (36) evidenciam que as orações explicativas se comportam, não como coordenadas, mas como subordinadas.

- (34) a. \*A Ana assina esse jornal *pois/porque/que* o Paulo [-] aquela revista.  
 b. \*Os filhos compram carros ligeiros *pois/porque/que* os pais [-] carros de carga.
- (35) a. A Ana assina esse jornal *e* o Paulo [-] aquela revista.  
 b. Os filhos compram carros ligeiros *mas* os pais [-] carros de carga.
- (36) \*Os filhos compram carros ligeiros *embora/quando/se* os pais [-] carros de carga.

Em suma, a análise efectuada em 1.3. e 1.4. permite-nos concluir que as frases explicativas não são coordenadas, nem subordinadas adverbiais não-periféricas.

Os dados considerados levam-nos, antes, a propor uma hipótese alternativa que permite captar o estatuto periférico das orações explicativas relativamente à frase à qual se articulam: *as explicativas são frases subordinadas apositivas*.

Os constituintes apositivos, que podem ser coordenados ou subordinados (cf. (37)), apresentam uma menor coesão relativamente à frase de que dependem, motivo pelo qual a aposição se aproxima-se da *justaposição*, um caso de *parataxe* distinto da coordenação (Quirk et al. 1985, López Garcia 1999, Duarte 2003).

- (37) a. A Inglaterra, (e) talvez também a França, intreveio no conflito armado nessa altura.  
 b. O cometa Hale-Bopp, que tem propiciado um magnífico espectáculo, continuará visível. (Matos 2003:557)

## 2. A distinção entre subordinação adverbial e coordenação

Vimos que existem propriedades formais que distinguem subordinação adverbial e coordenação frásica. Porém, há análises que as proximam estruturalmente.

Em Lobo 2002, 2003 são fornecidos argumentos para adoptar a análise clássica das frases adverbiais como adjuntos. Os testes de constituição mostram que as frases adverbiais são adjuntas a VP ou a uma projecção funcional acima de VP (Jackendoff 1990, Pesetsky 1995); assim, as frases adverbiais à direita podem ser substituídas, juntamente com o VP, por uma proforma de VP ou co-ocorrer com ela (cf. (38)). Além disso, as adverbiais à direita podem ser topicalizadas isoladamente, mas não juntamente com o complemento do verbo (cf. (39)), facto que não é captável pela hipótese de Larson 1988, segundo a qual os adjuntos são os complementos mais internos do verbo e formam uma unidade estrutural com os outros complementos, que prediz a aceitabilidade de (39b)).

- (38) a. O João *ligou a televisão quando chegou a casa* e o Pedro *fez o mesmo*.  
 b. O João *ligou a televisão* quando chegou a casa e o Pedro *só o fez depois do jantar*.  
 c. \*O João *ligou a televisão quando chegou a casa* e o Pedro *fez o mesmo ao computador*.
- (39) a. *Quando chegou a casa*, o Zé *ligou a televisão*.  
 b. \**A televisão quando chegou a casa*, o Zé *ligou*. (Lobo 2003: 207)

### 2.1. A coordenação como adjunção à direita do sintagma coordenado

Em Munn 1992, 1993, 2001, as estruturas de coordenação são analisadas como configurações de adjunção à direita, como em (40). Em (40), *Conj* designa a conjunção coordenativa núcleo do *ConjP*, o qual, segundo Munn, corresponde apenas ao segundo termo coordenado e é colocado em adjunção à direita ao constituinte usualmente interpretado como primeiro termo coordenado, o *XP*.

- (40)  $[_{XP} XP [_{ConjP} Conj YP] ]$

A favor da hipótese de adjunção à direita, Munn apresenta vários argumentos, dos quais destacaremos três. O primeiro tem a ver com a *selecção categorial* da estrutura coordenada. Quando esta ocupa a posição de argumento de um predador, este não selecciona a categoria *ConjP* mas a exibida pelos termos coordenados (cf. (41)), o que é captado pela configuração de adjunção (cf. (42)).

- (41) a. Ele lê *livros e jornais*.  
 b. \*Ele lê *de livros e jornais*. (cf. Ele gosta de livros e jornais.)

- (42)  $[_{VP} [_{V} \text{comprou}] [_{DP} [_{DP} \text{livros}] [_{ConjP} [_{Conj} e] [_{DP} \text{jornais} ] ] ] ]$

A coordenação de categorias sintácticas diferentes (cf. (43) e (44)) parece também favorecer a proposta de Munn. Nestes casos, é o primeiro termo que determina a natureza categorial da estrutura. Assim, apesar de *falar* em português europeu não seleccionar por complemento nem um sintagma nominal nem uma frase, (44b) é mais aceitável do que (44a), porque o sintagma preposicional que satisfaz a selecção categorial do verbo ocorre como primeiro membro da coordenação.

- (43) a. Um rapaz  $[[_{AP} \text{simpático}] \text{ e } [_{PP} \text{de boas falas}]]$  entrou.  
 b. Ele não disse  $[[_{DP} \text{uma palavra sobre o problema}] \text{ nem } [_{CP} \text{que estaria disponível para o resolver} ]]$ .
- (44) a. Os bombeiros não falaram *nem*  $[[_{PP} \text{da origem do incêndio}] \text{ nem } [_{CP} \text{que o fogo tinha destruído um dos seus auto-tanques}]]$ .  
 b. \*Os bombeiros não falaram *nem*  $[[_{DP} \text{a origem do incêndio}] \text{ nem } [_{PP} \text{da destruição do auto-tanque}]]$



A *concordância parcial* fornece aparentemente um argumento adicional à hipótese de Munn (cf. (45)). Nalgumas línguas, quando o sujeito coordenado é pós-verbal, a concordância em género e número pode ser desencadeada apenas pelo termo coordenante. Para Munn, a análise por adjunção explicaria estes casos: a concordância pós-verbal, diferentemente da pré-verbal, seria feita por regência verbal do termo coordenante, com exclusão do coordenado (adjunto):

- (45) a. Estava aberta a janela e o portão. (Munn 1993, (2.104a))  
 b. Estavam abertos a janela e o portão.

Porém, os dados considerados por Munn podem ser explicados por análises alternativas (cf. secção 2.2.). Além disso, a sua hipótese apresenta aspectos problemáticos. Destacaremos dois. O primeiro tem a ver com a *concordância global* do verbo com sintagmas nominais coordenados em posição pré-verbal (cf. (46)):

- (46) O rapaz e a rapariga gostam de reбуçados.

Neste caso, Munn 1993 considera que a concordância envolve globalmente o sintagma nominal coordenante e o sintagma coordenado, que, segundo ele, lhe está em adjunção. Porém, caracteristicamente os adjuntos não determinam a concordância verbal: frases como (48), por oposição às de (47), são marginais:

- (47) a. A capa do livro está em cima da mesa.  
 b. O rapaz juntamente com o cão entrou na sala.  
 (48) a. \*A capa do livro estão em cima da mesa.  
 b. \*O rapaz juntamente com o cão entraram na sala.<sup>7</sup>

Mais, embora haja coordenações com estatuto de adjunto, as parentéticas, nestas a concordância global com ambos os termos coordenados frequentemente não se verifica, ainda que o sujeito coordenado ocorra em posição pré-verbal:

- (49) a. O rapaz, como a rapariga, gosta de ler.  
 b. A Maria, e não o Pedro, está disposta a participar nessa reunião.  
 (50) a. ?O rapaz, como a rapariga, gostam de ler.  
 b. \*A Maria, e não o Pedro, estão dispostos a participar nessa reunião.

Um segundo problema tem a ver com *as divergências de comportamento entre frases coordenadas e adjuntas*, em particular as adjuntas adverbiais. A hipótese de Munn prediz que ambas se comportem identicamente, o que não se verifica (cf. secção 1, deste traba-

<sup>7</sup> Existe em português coordenação envolvendo a partícula *com*, designada como *coordenação comitativa*. Este fenómeno restringe-se a casos bem delimitados semântica e sintacticamente, descritos por Colaço 2004, neste volume.

lho). Diferentemente das frases coordenadas, as adverbiais não-periféricas podem ser alvo de movimento e de focalização em frases clivadas. Por seu turno, as frases coordenadas admitem elipses que estão excluídas da subordinação adverbial, como a *Elipse Lacunar* (cf. secção 1, 1.4., exemplos (34), (35) e (36). Assim, assumindo uma análise por adjunção das subordinadas adverbiais, as divergências entre coordenação e subordinação frásica, fazem-nos rejeitar a análise da *coordenação por adjunção à direita*, proposta em Munn 1992, 1993, 2001.

## 2.2. Frases coordenadas como adjuntos à esquerda

A análise da coordenação em termos da configuração *especificador-núcleo-complemento*, adoptada, entre outros, por Joanhansen 1998 e Matos 1995, 2000, surge como uma alternativa à proposta de Munn 1992, se associada à caracterização de *Conj* como um núcleo subespecificado. Segundo esta análise, *Conj* é o núcleo da estrutura coordenada, em que o primeiro termo funciona como *especificador* e o segundo como *complemento*:

$$(51) [_{C_{conj}} XP \quad [_{C_{conj}} Conj \quad YP ] ]$$

Adoptando esta proposta, é possível defender-se que as estruturas de coordenação não diferem estruturalmente das outras: são formadas por *Compor(Merge)*<sup>8</sup> e exibem uma composição idêntica a qualquer outra categoria sintáctica. A sua especificidade reside nas propriedades lexicais das conjunções coordenativas. Com efeito, tem sido defendido que *Conj* é um núcleo subespecificado categorialmente, que herda os traços categoriais dos seus termos, e os projecta para projecção de que é núcleo. A herança categorial envolve usualmente o especificador e o núcleo (Matos 2000, Johannessen 1998), e é efectuada por *Acordo (Agree)*.

Assumindo esta análise é possível dar conta dos dados que pareciam privilegiar a abordagem de Munn, nomeadamente, da natureza categorial das coordenações que envolvem termos de categorias sintácticas diferentes (cf. (52)).

$$(52) \text{ Os bombeiros não falaram } [_{C_{conjP=SP}} [_{SP} \text{ da origem do incêndio} ] \text{ nem } [_{CP} \text{ que o fogo tinha destruído um dos seus auto-tanques} ] ] .$$

## 2.3. Especificadores frásicos vs. orações adverbiais à esquerda

No entanto, no Programa Minimalista, dada a hipótese da *Estrutura Sintagmática Despojada (Bare Phrase Structure)*, a distinção entre *especificador* e *adjunto* esbate-se devido à inexistência de níveis barra. Neste quadro não há distinção radical entre projecções máximas e o núcleo que lhe confere a etiqueta, pelo que a relação especificador-núcleo se aproxima da relação núcleo-a-núcleo envolvendo c-comando local. (Chomsky

<sup>8</sup> Neste aspecto diverjo de Johannessen 1998, que admite a existência de uma regra específica para coordenar constituintes.

2001b). A operação *Compor*, ao associar um núcleo com um constituinte, produz uma configuração interpretada como *núcleo-complemento*; se a esta unidade for associado outro constituinte ele é interpretado como *especificador*. Ora os *adjuntos adverbiais* são constituintes não-nucleares associados por *Compor* a outros constituintes igualmente não nucleares; deste modo não se distinguem crucialmente dos especificadores. Duas propriedades diferenciam, todavia, especificadores e adjuntos adverbiais no domínio frásico: os especificadores, diferentemente dos adjuntos, *saturam a grelha argumental do predicador verbal* e estabelecem *relações de concordância* com o verbo.

Nas estruturas coordenadas, sendo a *conjunção* uma categoria funcional, a distinção entre especificadores e adjuntos não pode apelar para a estrutura temática mas para a relação de *Acordo*, uma operação que, por emparelhamento (*matching*), suprime os traços não interpretáveis das categorias funcionais e pode operar numa configuração produzida por *Compor*.

Levantamos, pois, a hipótese *de que os traços subespecificados de Conj não são interpretáveis e são removidos quando Conj estabelece a relação de Acordo com um dos termos coordenados, usualmente o especificador*. Ao fazê-lo, Conj herda os traços categoriais do termo coordenado e transmite-os à projecção cimeira da estrutura coordenada.

Retomemos a questão da distinção estrutural entre a coordenação frásica e subordinação adverbial. Em Chomsky 2001, 2001b, CP é caracterizado como uma fase (i.e., um domínio proposicional) plena que abarca um domínio temporal que contém *T completo* nas frases finitas. Na coordenação frásica podemos distinguir dois casos, ilustrados respectivamente em (53) e (54):

- (53) a. Julgo que eles leram o livro mas nós vimos o filme.  
 b.  $[_{CP} \quad [_{C} T] \quad [_{Compr-IP} \quad IP \quad [_{ConjP} \quad Conj \quad IP \quad ] ] ]$
- (54) a. Eles chegaram e a Maria cumprimentou-os.  
 b. Acho que eles leram o livro mas que [-] não vão ver o filme.  
 c.  $[_{Compr=CP1} [_{CP1} [_{C} T_1] IP] [_{Compr=CP1} [_{Conj=C} [T_1] IP] ] . ]$

Em (53), há coordenação de IPs e um único CP domina os IPs coordenados. Em (54), verifica-se coordenação de CPs; porém, dada a subespecificação de Conj, o CP da estrutura coordenada não é distinto do CP que funciona como seu especificador. Assim, em qualquer dos casos, existe uma única fase CP dominando toda a estrutura coordenada e o seu especificador.

Consideremos as orações adverbiais que ocorrem na periferia esquerda da frase:

- (55) a. Se o João não lê esse livro, quem será capaz de o fazer?  
 b.  $[_{CP1} CP2 [ CP1 ] ]$
- (56) a. Acho que embora eles tenham lido o livro, [-] não viram o filme.  
 b.  $[_{CP1} [_{IP} CP2 [ IP ] ] ]$

Nas frases adverbiais, ao contrário do que acontecia nas coordenadas, o CP adverbial em adjunção a IP ou CP da frase subordinante constitui uma fase CP distinta da do CP subordinante, uma vez que os núcleos C e I não são categorialmente subespecificados e em nenhum caso o CP adjunto estabelece uma relação de *Acordo* com o núcleo da projecção a que se adjunge.

Em suma, no Programa Minimalista a distinção frases coordenadas e adverbiais reside fundamentalmente no número de fases distintas que é possível isolar. Esta distinção decorre fundamentalmente das propriedades lexicais dos núcleos Conj e C que as encabeçam, i.e., da subespecificação ou da especificação dos seus traços categoriais.

### 3. Observações finais

As orações explicativas apresentam propriedades que as aproximam da subordinação frásica; ocorrem, porém, em configurações de aposição que lhes conferem uma mais fraca coesão relativamente à frase com que se articulam, o que aparentemente as aproxima dos casos paratáticos de justaposição.

A separação entre subordinação adverbial e coordenação nem sempre é estabelecida nas representações sintáticas. Contudo, as análises da coordenação em termos de adjunção predizem comportamentos uniformes entre frases coordenadas e subordinadas adverbiais, que a evidência empírica não fundamenta. A representação das estruturas coordenadas em termos da configuração especificador-núcleo-complemento, associada à caracterização das conjunções coordenativas como núcleos funcionais categorialmente, subespecificados, permite captar as especificidades centrais das estruturas coordenadas.

A ténue distinção entre adjuntos à esquerda e especificadores, no Programa Minimalista, é conciliável com a distinção entre frases adverbiais adjuntas à esquerda e frases funcionando como o primeiro termo da coordenação. O que estabelece a diferença entre estas estruturas é o número de fases distintas que detêm, sendo esta propriedade decorrente (da subespecificação ou não) dos traços dos núcleos Conj e C que as encabeçam.

### Referências

- Bechara, E. (1999) *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Brito, A. (2003a) Subordinação adverbial. In Mateus et al. (2003), pp. 695-728.
- Bosque, I. & V. Demonte (dir.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa.
- Chomsky, N. (2001a) Derivation by Phase. In Kenstowicz, (ed.), pp. 1-52.
- Chomsky, N. (2001b) *Beyond Explanatory Adequacy*. Ms.
- Colaço, M. (2004) A Coordenação Comitativa. In *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL.
- Cunha, C. & L. Cintra (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Duarte, I. (2003) Aspectos linguísticos da organização textual. In Mateus et al. (2003), pp. 85-123.
- Galán Rodríguez, C. (1999) La subordinación causal y final. In Bosque, I. & V. Demonte (dir.), pp. 3597-3642.

- Grevisse, M. & A. Goosse (1993) *Le Bon Usage* (13<sup>a</sup>ed.). Paris: Duculot.
- Johannessen, J. (1998) *Coordination*. Oxford: Oxford University Press.
- Jackendoff, R. (1990) On the Treatment of the Double Object Construction. *Linguistic Inquiry* 19:3, pp. 427-456.
- Kenstowicz (ed.) *Ken Hale: a Life in Language*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Larson, R. (1988) On Double Object Construction. *Linguistic Inquiry* 19:3, pp. 335-391.
- Lobo, M. (2001) Para uma sintaxe das orações causais do português. In *Actas do XVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 291-306.
- Lobo, M. (2002) On the structural position of non-peripheral adjunct clauses. *Journal of Portuguese Linguistics* 1:1, pp. 83-118.
- Lobo, M. (2003) *Aspectos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais do português*. Dissertação de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Lopez Garcia, A. (1999) Relaciones paratácticas y hipotácticas. In Bosque, I. & V. Demonte (dir.), pp. 3507-3547.
- Mateus, M.H., A. Brito, I. Duarte, I. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, A. Villalva & M. Vigário (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho
- Matos, G. (1995) Estruturas binárias e monocêntricas em sintaxe: algumas observações sobre a coordenação de projecções máximas. In *Actas do X Encontro Nacional de Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 301-315.
- Matos, G. (2000) Across-the-board clitic placement in Romance languages. *Probus* 12, pp. 229-259.
- Matos, G. (2003) Estruturas de coordenação. In Mateus et al., pp. 549-592.
- Munn, A. (1992) A Null Operator Analysis of of ATB Gaps. *The Linguistic Review*, 9.1.
- Munn, A. (1993) *Topics on Syntax and Semantics of Coordinate Structures*. Dissertação de PhD, Universidade de Maryland, College Park.
- Munn, A. (2001) Explaining parasitic gap restrictions. Culicover, P and P. Postal (eds.) *Parasitic Gaps*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Peres, J. (1997) Sobre Conexões Proposicionais em Português. In Brito, A., F. Oliveira, I. Pires de Lima & R. Martelo (orgs.) *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras.
- Pesetsky, D. (1985) *Zero Syntax. Experiencers and Cascades*. Cambridge, Massachusetts: the MIT Press.
- Pesetsky, D. & E. Torrego (2001) T-to-C Movement: Causes and Consequences. In Kenstowicz, (ed.), pp. 355-426.
- Quirk, R., S. Greenbaum, G. Leech & J. Svartvik (1972) *A Grammar of Contemporary English*. London: Longman.
- Quirk, R., S. Greenbaum, G. Leech & J. Svartvik (1985) *A Comprehensive Grammar of the English Language*, London: Longman.
- Said Ali, M. (1931) *Gramática Histórica da língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.
- Silva Dias, E. (1917) *Sintaxe Histórica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 5<sup>a</sup> ed. 1970.